

## APONTAMENTOS PARA AS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO A PARTIR DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO

*Morgana Zardo von Mechein\**,  
*Samira de Moraes Maia Viganó\*\**,  
*Maria Herminia Lage Fernandes Laffin\*\*\**

### RESUMO

Este artigo situa-se como parte de uma pesquisa de mestrado em educação, porém ampliam-se as reflexões. Objetiva-se apontar alguns caminhos que auxiliem no desenvolvimento de pesquisas que tenham as concepções do materialismo histórico-dialético como método estruturante. Trata-se de um artigo qualitativo, com base teórica, respaldado em autores que se apropriam da concepção histórico-dialética, baseando-se no pensamento e estudos de Karl Marx e suas derivações. Destaca-se a importância de decifrar alguns procedimentos que podem contribuir para futuras pesquisas que busquem apoiar-se no materialismo. Divide-se o artigo em cinco partes: introdução; viagem à imersão: objeto, problemática; objetivos da pesquisa; método e metodologia; e as considerações finais. Ressalta-se que não é intenção desta escrita “ensinar” como fazer uma pesquisa em educação utilizando o materialismo histórico-dialético, mas sim apontar alguns mecanismos que contribuam para a construção de uma investigação desse porte. Enfatiza-se como necessário compreender a realidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa, observando categorias como totalidade, contradição e mediação. Verifica-se que a essência está no processo, em uma relação dinâmica entre o sujeito e o mundo real. Compreende-se que, segundo Nosella (2004), a pesquisa em educação com enfoque materialista demarca-se por uma subjetividade criativa, pela preocupação política, pela sensibilidade e pelo estilo pessoais.

**Palavras-chave:** Pesquisa. Materialismo histórico-dialético. Realidade. Sujeitos.

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestra em Educação pela UFSC. Endereço postal: Rua Lauro Linhares, n.º 1670, Trindade, Florianópolis (SC). Correio eletrônico: vonmecheln@gmail.com

\*\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestra em Educação pela UFSC. Endereço postal: Rua Maiorca, n.º 154, Florianópolis (SC). Correio eletrônico: samiramviganogmail.com

\*\*\* Pós-doutora pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC. Endereço postal: Rua das Cerejeiras, n.º 186, casa 4, Carvoeira, Florianópolis (SC). Correio eletrônico: herminialaffin@gmail.com

## NOTES FOR RESEARCHING IN EDUCATION FROM HISTORICAL-DIALECTICAL MATERIALISM

### ABSTRACT

*This article is part of a master's research in education, however there are extended reflections. The objective is to point out ways to assist in the development of researches which have the conceptions of historical-dialectical materialism as a structuring method. It is a qualitative research, with a theoretical basis, supported by authors who appropriate the historical-dialectical conception, based upon the thought and studies of Karl Marx and its derivations. We emphasize the importance of some procedures which may contribute to future researchers who seek to rely on materialism. The article is divided into five parts: introduction; immersion trip: object, problem; research objectives; method and methodology and the final considerations. It is not the intention of this paper to teach how to do research in education using historical-dialectical materialism, but rather to point out mechanisms that contribute to the construction of an investigation of this kind. It is made clear that is necessary to understand the reality of the subjects involved in the research, observing categories such as totality, contradiction and mediation. The research found that the essence is in the process, in a dynamic relationship between the subject and the real world. It is understood that, according to Nosella (2004) the research in education with a materialistic focus is marked by a creative subjectivity, political concern, for sensitivity and personal style.*

**Keywords:** Search. Historical-dialectical materialism. Reality. Subjects.

## APUNTES PARA LAS INVESTIGACIONES EN EDUCACIÓN A PARTIR DEL MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉCTICO

### RESUMEN

*Este artículo forma parte de una investigación de maestría en educación, sin embargo, se amplían las reflexiones. Su objetivo es apuntar hacia algunos caminos que ayuden en el desarrollo de investigaciones que tengan las concepciones del materialismo histórico dialéctico como método estructurante. Esta investigación es cualitativa y su base teórica está respaldada en autores que se apropian de la concepción histórico dialéctica, en el pensamiento y estudios de Karl Marx y sus derivaciones. Se destaca la importancia de descifrar algunos procedimientos que pueden contribuir con futuras investigaciones que busquen apoyarse en el materialismo. El artículo se divide en cinco partes: introducción; viaje a la inmersión: objeto, problemática; objetivos de la investigación; método y metodología y las consideraciones finales. Se resalta que no hay aquí una intención de "enseñar" cómo hacer una investigación en educación utilizando el materialismo histórico*

*dialéctico, sino señalar algunos mecanismos que contribuyan con la construcción de una investigación de ese porte. Se enfatiza como necesario comprender la realidad de los sujetos involucrados en la investigación, observando categorías como totalidad, contradicción y mediación. Se observa que la esencia está en el proceso, en una relación dinámica entre el sujeto y el mundo real. Se entiende que, según Nosella (2004) la investigación en educación con enfoque materialista se demarca por una subjetividad creativa, por la preocupación política, por la sensibilidad y el estilo personales.*

**Palabras clave:** Investigación. Materialismo histórico-dialéctico. Realidad. Sujetos.

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo é parte derivada da pesquisa acadêmica e científica de mestrado intitulada “A compreensão de trabalho dos professores do PROEJA-FIC: contexto da parceria SME e Escola Canto da Ilha/CUT, Florianópolis”, defendida no ano de 2015 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sendo aqui desenvolvido de modo ampliado. Este artigo tem por objetivo apontar alguns caminhos que auxiliem no desenvolvimento de pesquisas que tenham as concepções do materialismo histórico-dialéctico como método estruturante.

Recorrentemente, o caminho acadêmico apresenta questionamentos que tiram o estudante da inércia e provocam constantes inquietações. A procura pela pós-graduação surge pela intenção de refletir, de modo científico, sobre as problemáticas desenvolvidas empiricamente. Por consequência, lida-se com as inquietações de modo a ampliar o debate e a aprofundar a teoria sobre o objeto de estudo. É o movimento que Charlot (2006) define como passar do “Eu empírico” ao “Eu epistêmico”, ou seja, passar do indivíduo submetido aos processos da vida cotidiana ao indivíduo intelectualmente mobilizado, com atenção ao saber.

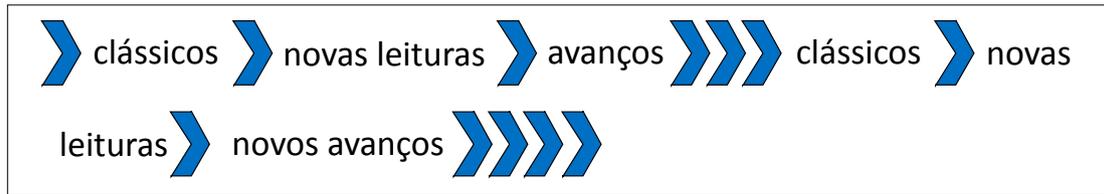
Já no prefácio da primeira edição de *O capital*, Karl Marx adverte que “[...] todo começo é difícil, e isso vale para toda a ciência” (MARX, 2013, p. 77). Suas palavras soam cuidadosas, instigantes e reconfortantes.

É com base no pensamento e estudos de Marx e suas derivações que desenvolvemos, a seguir, alguns apontamentos para a pesquisa em educação a partir do historicismo dialéctico.

## 2 VIAGEM À IMERSÃO: OBJETO, PROBLEMÁTICA

O processo da pesquisa exige o que Brandão (1992) chama de tradição de reflexão, a atividade que permite a familiarização com a linguagem, a dinâmica e a lógica dos estudos. Para a autora, é fértil o trabalho incessante de recorrer à tradição das diversas áreas, num movimento permanente à procura de aprofundamento, expresso na figura que segue.

Figura 1 – Movimento de procura de esclarecimento



Fonte: Brandão (1992).

Nesse sentido, o objeto do estudo pode ser constituído por aportes teóricos de autores reconhecidamente tidos como tradicionais na área da educação, em uma concepção histórico-dialética - como Miguel Arroyo; Friedrich Engels; Gaudêncio Frigotto; Moacir Gadotti; Antonio Gramsci; David Harvey; Leandro Konder; Gyorgy Lukács; Mario Alighiero Manacorda; Karl Marx; István Mészáros; Paolo Nosella; Dermeval Saviani; Edward P. Thompson; dentre diversos outros. Essa constituição deve perpassar os documentos emergidos da empiria, ou seja, das experiências cotidianas da realidade concreta identificadas pelo pesquisador.

Para aprofundar as análises sobre a problemática levantada, é relevante verificar o panorama atual e os avanços na área das produções acadêmicas e científicas. É o processo que Romanowski e Ens (2006) denominam estado do conhecimento, uma vez que se utiliza uma ou algumas bases de dados - como, por exemplo, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos e Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Universitária - para um levantamento de pesquisas em um determinado período de tempo, as quais revelem o estado atual do objeto e as possibilidades a serem problematizadas.

Esse tipo de levantamento prévio é necessário para que os interessados em pesquisar determinado campo do conhecimento saibam em que estágio se encontram as publicações, quais as principais correntes teóricas e as possibilidades de estudos que podem ser desenvolvidos.

Para Frigotto (2012), apenas um reduzido quadro de intelectuais se funda numa perspectiva do materialismo histórico, ou seja, o que compreende concretamente a prática educacional na sociedade de classes como uma prática contraditória, estando, portanto, as relações da educação longe da prática, longe das transformações históricas. Isso quer dizer que o que acontece na vida dos sujeitos enquanto seres sociais não necessariamente é refletido em estudos e pesquisas.

Faz-se indispensável, dessa forma, que a reflexão e a pesquisa em educação não tenham como fim apenas a reconstituição histórica da educação ou a fundamentação psicossociológica de educar, mas que sirva de instrumento de luta de superação das contradições da sociedade opressora - só a ciência comprometida de fato com as transformações dessa sociedade interessa às classes oprimidas (GADOTTI, 2012).

### 3 OBJETIVOS DA PESQUISA

No cerne da pesquisa científica e acadêmica, há também, dentre outros elementos, o “falar mais alto”, ou seja, a pesquisa realizada deve ser explicitada e compartilhada, tendo em vista que a comunidade científica é um agrupamento

social cujas práticas só acontecem no âmbito da vida pública (WARDE, 1992). A autora ainda sinaliza que o conhecimento deve ser produzido de acordo com regras objetivas, sendo passível de ser refutado, possibilitando, dessa forma, que o conhecimento científico seja legitimado pela comunidade científica para fora dos círculos dos cientistas (WARDE, 1992), ou seja, que o conhecimento produzido cientificamente deixe de ficar apenas nas universidades para ser apreendido também pelo sujeito comum. Ou, como corrobora Gatti (2001), a disseminação dos resultados da pesquisa pela sociedade parece ter alguma relação com os métodos de trabalho dos pesquisadores, com a credibilidade gerada dentro e depois fora dos ambientes acadêmicos.

Para assegurar a credibilidade da pesquisa, os objetivos tornam-se fundamentais para delimitar o estudo e demonstrar sua trajetória. Um dos objetivos pode estar intimamente relacionado com os aportes teóricos, uma vez que “[...] o ‘retorno’ permanente à tradição nunca é um retorno ao mesmo lugar, mas tem o sentido de uma espiral que permite retomar temas e referências em um novo patamar, que ao mesmo tempo incorpora e tende a superar os momentos que o antecederam” (BRANDÃO, 1992, p. 19, grifo da autora). Desta forma, a teoria, os clássicos teóricos devem ser continuamente revisitados e estudados para dar suporte à pesquisa.

Outro objetivo pode estar ligado aos documentos empíricos, que, na área da educação, podem ser representados nos documentos legais. Para Charlot (2006, p. 10), “[...] um discurso científico sobre educação não deve ser um discurso de opinião; ele não é científico se não controla seus conceitos e não se apoia em dados”. Esses documentos oficiais fornecem dados postos pelas políticas públicas, refletindo-se, de forma compulsória, no dia a dia dos professores e estudantes das redes de ensino, demandando apreciação do pesquisador.

Em outro objetivo, pode-se delimitar a pesquisa de campo, à qual Gatti (2001, p. 75) preconiza que é necessário “[...] um grau de exigência alto para o trato com a realidade e sua reconstrução, justamente por postularem o envolvimento historicizado do pesquisador”. Concorde-se com Severino (2007, p. 100), quando este afirma que “[...] a ciência é sempre o enlace de uma malha teórica com dados empíricos, é sempre uma articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico, do ideal com o real”. Por esses aspectos, os objetivos devem ser construídos de modo a abranger a teoria e a empiria da problemática.

## 4 MÉTODO E METODOLOGIA

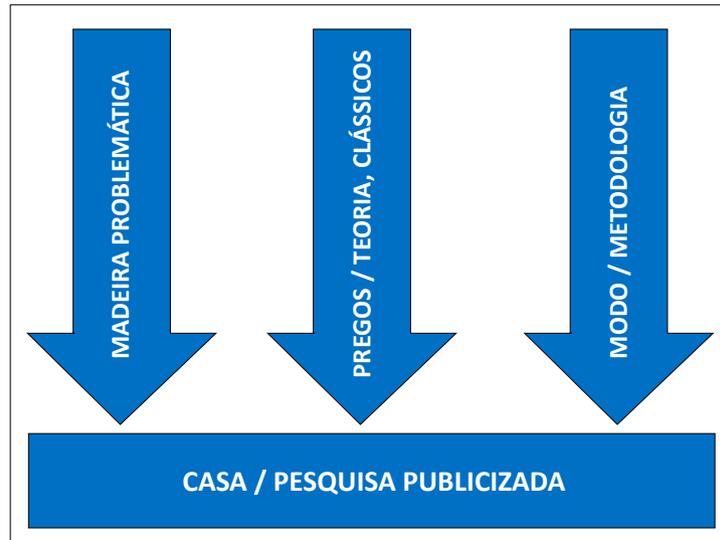
Iniciamos este item com um trecho do livro *Fahrenheit 451*.

Se você não quiser que se construa uma casa, esconda os pregos e a madeira. Se não quiser um homem politicamente infeliz, não lhe dê os dois lados de uma questão para resolver; dê-lhe apenas um. Melhor ainda, não lhe dê nenhum (BRADBURY, 2009, p. 92, fala de Capitão Beatty).

As pesquisas não devem ter a expectativa de encontrar somente homens politicamente felizes, há sempre questões para serem resolvidas, dentre elas, a opção e o posicionamento metodológico.

No livro de Bradbury, o personagem Beatty, capitão dos bombeiros, é enfático quanto às suas crenças perante a sociedade em que vivia, observa-se isso na citação acima. Com esse mesmo trecho da obra *Fahrenheit 451*<sup>1</sup>, é possível fazer uma analogia com o ato de pesquisar de modo científico, resumida na Figura 2.

Figura 2 – Analogia construção da casa/pesquisa



Fonte: Mecheln (2015).

A Figura 2 mostra que o modo da construção é tão importante quanto a madeira e os pregos. A madeira está representando o objeto que torna a pesquisa relevante, sua problemática fundamental; os pregos são analogias à teoria, aos clássicos, são os elementos que perpassam toda a pesquisa e a deixam concisa, firme, resistente. Por fim, o modo de construção é a metodologia. O modo com que se trabalha a madeira e os pregos – dependendo das técnicas utilizadas, da vivência e da formação da pessoa que irá construir – pode resultar em distintas casas. Assim é com a metodologia.

Meksenas (2005) escreve que, ao fazer um tijolo, o sujeito realiza um trabalho, pois está transformando o barro (a natureza), utilizando-se de suas forças (mãos, braços) e sua inteligência (pensando em como fazer o determinado tijolo).

Também ao estudar, uma pessoa está realizando um trabalho, pois está em busca de novos conhecimentos, utilizando sua força física (mãos, olhos) e intelectual (pensando, ao adquirir novos conhecimentos). Esses conhecimentos apreendidos pelo aluno, por sua vez, transformam-se em ações socialmente úteis (MEKSENAS, 2005).

Para Severino (2007), a ciência utiliza um método próprio, o método científico, que é fundamental no processo do conhecimento feito pela ciência para torná-la diferente do senso comum, da filosofia, das artes e da religião, que são expressões da subjetividade humana. “Trata-se de um conjunto de procedimentos

<sup>1</sup> Livro do escritor estadunidense Ray Bradbury, é uma obra de narrativa futurista e distópica, que foi publicada pela primeira vez em 1953. Conta a epifania de um sujeito chamado Guy Montag sobre a sociedade em que vivia, onde os livros eram considerados ilegais, sua leitura proibida e os exemplares queimados. Fahrenheit 451 equivale a 233 graus Celsius, temperatura em que o papel queima.

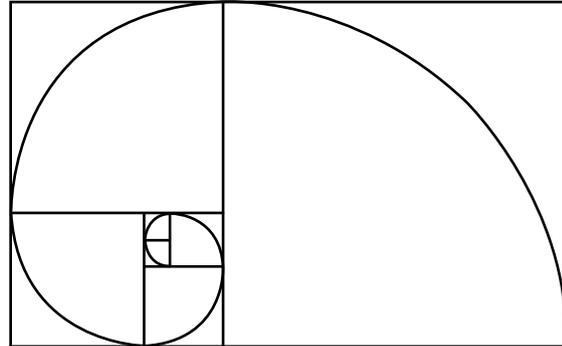
lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos” (SEVERINO, 2007, p. 102).

O processo metodológico da pesquisa, que, de forma alguma, é um processo retilíneo, aproxima-se do movimento de uma espiral, como a espiral de Fibonacci<sup>2</sup>. Esta espiral diferencia-se, pois se desenvolve em um movimento de ampliação; partindo do centro, o deslocamento sempre prossegue no sentido de expandir-se, o que se demonstra na figura 3 que segue.

A intenção de uma pesquisa científica é esta: ampliar o conhecimento socialmente produzido, fazendo da espiral um símbolo da propagação da atividade intelectual e manual da humanidade.

O interessante da espiral de Fibonacci é que ela é encontrada facilmente nos elementos da natureza, como na disposição das pétalas de uma flor, nas folhagens, nos animais, nas células do corpo e até no modelo de expansão das galáxias do universo, exemplos representados nas figuras 4 e 5 que seguem.

Figura 3 – Espiral de Fibonacci



Fonte: Infoescola<sup>3</sup>

Figura 4 – Concha



Fonte: Jayne Lm<sup>4</sup>

Figura 5 – Folha



Fonte: Eiconal<sup>5</sup>

<sup>2</sup> A espiral de Fibonacci é uma representação gráfica da série de Fibonacci. Esta consiste em uma sequência numérica com os valores iniciais 1 e 1, e os valores sucessivos são a soma dos dois valores anteriores. Os números formam a seguinte série, que tende ao infinito: 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144... Fibonacci é o apelido do matemático italiano Leonardo Pisa, que descreveu esta sequência numérica no ano de 1202 em seu livro Liber Abaci. A série de Fibonacci é aplicada em modelos que explicam matematicamente os fenômenos naturais.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.infoescola.com/matematica/sequencia-defibonacci/>>. Acesso em: 3 maio 2017.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.pinterest.com/pin/222928250276288102/>>. Acesso em: 3 maio 2017.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://eiconal.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 3 maio 2017.

A analogia com a natureza é importante, porquanto as concepções do materialismo histórico-dialético estruturam-se fundamentalmente na aproximação das dimensões do trabalho, e trabalho é relação com a natureza, como explica Marx (2013, p. 120): “[...] o trabalho, é assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana”.

As escolhas metodológicas são, além da opção por um modo de construir a pesquisa, também a expressão de posicionamento político do pesquisador. O campo da educação de fato tem uma dimensão política, e não se pode deixar de tê-la (CHARLOT, 2006), pois, como confirma Gadotti (2012), é impossível fazer ciência de forma imparcial, neutra, desengajada, em uma sociedade de classes. Desse modo, o que define o ponto de vista do caráter da ciência produzida é a opção de classe.

A tradição filosófica abordada neste artigo é a dialética. Lao Tsé, que viveu sete séculos antes de Cristo, é considerado o “autor” da dialética, fundando sua doutrina no princípio da contradição (GADOTTI, 2012). Vários pensadores se apropriaram dos conceitos da dialética, ampliando-os, como Heráclito, Sócrates, Platão, Descartes, Rousseau e Hegel. Porém, de acordo com Gadotti (2012), apenas com Marx e Engels é que a dialética ganha *status* filosófico (materialismo dialético) e científico (materialismo histórico).

Para Severino (2007), a dialética é uma epistemologia baseada em pressupostos que são considerados pertinentes à condição humana e à conduta dos homens. Esses pressupostos são os seguintes: totalidade (o indivíduo não se explica isoladamente da sociedade), historicidade (cada momento se articula a um processo histórico mais abrangente), complexidade (o real é, ao mesmo tempo, uno e múltiplo, unidade e totalidade), dialeticidade (a história é constituída por uma luta de contrários, movida pelo conflito, seu desenvolvimento não é uma evolução linear), praxidade (os acontecimentos da esfera humana se desenvolvem através da prática, sempre histórica e social), cientificidade (a explicação científica explicita a regularidade dos nexos causais, articulando os elementos do fenômeno em estudo), concreticidade (está em pauta a prática real dos homens, no espaço social e no tempo histórico). “A dialética considera cada objeto com suas características próprias, o seu devir, as suas contradições” (GADOTTI, 2012, p. 21).

Assim, para Montañó e Duriguetto (2011, p. 34, grifo dos autores), “[...] o método dialético de conhecimento só é possível quando se parte do real, do concreto, atingindo como resultado o *conhecimento teórico* como uma fiel *reprodução intelectual do movimento real*”. É a partir da realidade dos sujeitos pesquisados, do local onde trabalham, de suas histórias de vida, de seus processos de constituição e da contradição inerente da dialética, é que pode ser realizada a análise de estudos estruturados pela historicidade dialética.

A categoria científica tomada por este artigo é o materialismo histórico, já mencionado anteriormente. Para Thompson (1981, p. 82), “[...] o materialismo histórico propõe-se a estudar o processo social em sua totalidade”. Em seus estudos, que têm como base o marxismo, Thompson escreve que o materialismo histórico propõe estudar a história não mais de forma setorial – história econômica, história política, história intelectual –, mas sim de modo total, englobando todas as histó-

rias de forma a reuni-las e interligá-las, mostrando que cada atividade se relaciona com outra de modo determinado.

Voltando à alegoria da construção da casa, mostrada na Figura 2, temos que cada pesquisador, fiel ao materialismo histórico de Marx, na medida em que trata de objetos diversos, ou em diferentes contextos da história, necessariamente produzirá conhecimentos distintos (MONTAÑO; DURIGUETTO, 2011), ou seja, casas diferentes.

O materialismo histórico deverá se tornar evidente no decorrer dos estudos quando da contextualização social, profissional, individual; enfim, da contextualização histórica dos sujeitos pesquisados, percebendo-os como sujeitos inseridos e se relacionando em um contexto, e não como pessoas isoladas. “O homem é o que ele faz socialmente: não é, torna-se. Cria-se a si mesmo, por seus atos: ‘na produção social’ da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade” (GADOTTI, 2012, p. 48, grifo do autor).

Cabe destacar a categoria de “experiência” dos estudos de Thompson como possibilidade de se tornar parte integrante das pesquisas desenvolvidas no materialismo histórico. Essa categoria é importante para a compreensão de determinado grupo social, pois a experiência “[...] compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (THOMPSON, 1981, p. 15).

Em artigo sobre as contribuições teórico-metodológicas de Thompson, Martins (2006) indica que, para esse autor, é pela experiência que homens e mulheres constantemente definem e redefinem suas práticas e pensamentos. Assim, quando se realiza a pesquisa junto aos sujeitos, suas experiências deverão emergir em suas falas e ações, não podendo estes serem compreendidos de modo desprezado de suas histórias e seus processos de formação humana.

Nesse sentido, uma das técnicas de pesquisa mais utilizadas na área da educação é a entrevista. No entendimento de Severino (2007), esta técnica coleta informações diretamente com os sujeitos pesquisados. Pesquisador e pesquisado interagem, fazendo com que o pesquisador apreenda o que o sujeito pensa, sabe, representa, faz e argumenta. Esta técnica permite uma aproximação ao sujeito de forma integral, como ser uno e como ser social. “Lidamos então com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa - o entrevistado - orquestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa” (BARDIN, 2010, p. 89).

Pela técnica da entrevista são coletadas partes da história que o sujeito entrevistado declara, mas é a interpretação dessa história que o pesquisador faz aparecer em seu estudo através de sua metodologia e de seu posicionamento político.

O método historicista, ou o método de contextualizar historicamente os sujeitos, contar suas histórias, não garante “neutralidade científica”, que na verdade é pura fantasia (NOSELLA, 2004), o que vai ao encontro do que defende Saviani (2008, p. 8): “[...] a neutralidade é impossível porque não existe conhecimento desinteressado”. Para Nosella (2004, p. 33), contar a história é levar “[...] o leitor ao local, ao momento e às expressões exatas da discussão, mas o

enfoque, o destaque, o comentário, a interpretação conferem à pesquisa a marca da subjetividade criativa, da preocupação política, da sensibilidade e do estilo pessoais”.

O método historicista é o tomado por Gramsci. Para Gramsci, o historicismo possibilita vivificar e recriar a ciência, formando cientistas “humanistas”, ou seja, cientistas que revivam o drama vivido por outros homens, diante dos problemas, das dúvidas, das possíveis soluções, do erro como tentativa; com esse método, aprendemos a caminhar refazendo os caminhos e caminhando mais um pouco (NOSELLA, 2004).

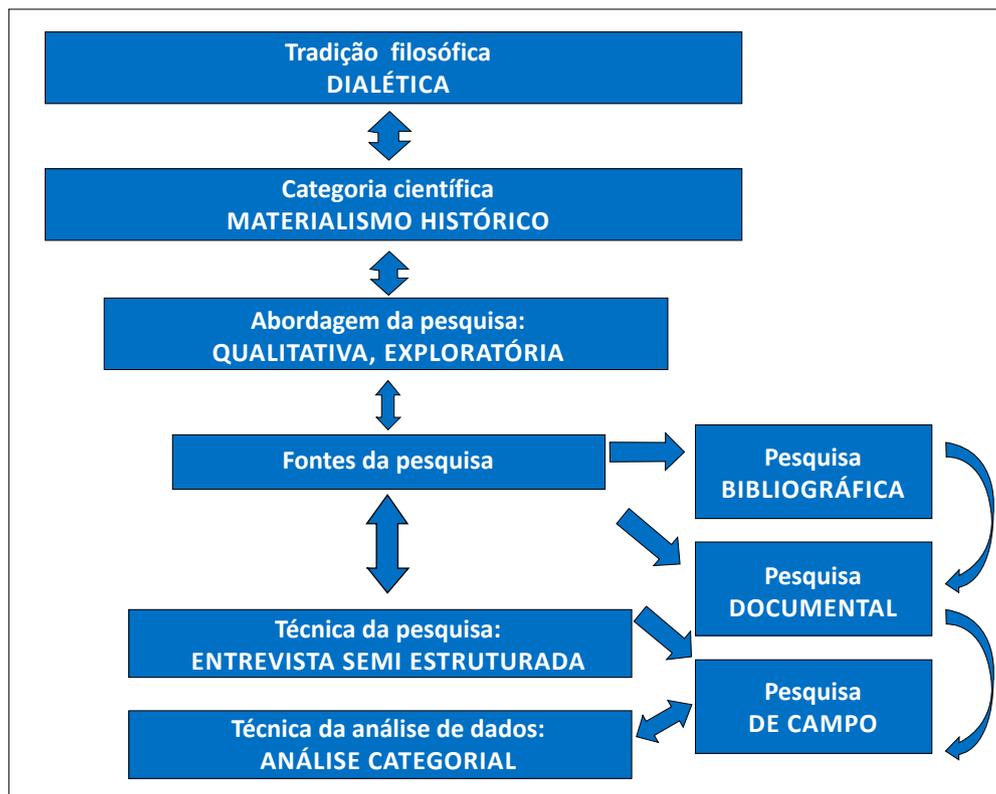
Para Hobsbawm (2000), não é fácil detectarmos os perigos em nossas próprias interpretações, mesmo que eles existam, obscurecidos pelas nossas inclinações e veias acadêmicas nas quais estamos envolvidos. O autor questiona se corremos o risco de esquecer que o sujeito, e também o objeto de nossas pesquisas, é um ser humano. Ele nos lembra que são pessoas, homens e mulheres, trabalhadores reais, o que nosso estudo focaliza. Esse cuidado deve ser empregado incansavelmente na pesquisa, o cuidado com a história de pessoas, sujeitos reais que devem ser considerados em suas totalidades, não tomados apenas como fornecedores de dados mensuráveis.

A análise das falas coletadas na entrevista precisa manter igualmente o rigor de todo o método da pesquisa, fazendo com que o pesquisador se afaste do que Bardin (2010) chama de “perigos da compreensão espontânea”. Sem uma estrutura de análise, as falas seriam interpretadas de modo superficial, de forma aleatória. Um dos métodos que pode ser escolhido para estudar e refinar as entrevistas é a análise de conteúdo. Esse é um método muito empírico e tem como um dos objetivos a superação da incerteza – o que se julga escutar na mensagem está efetivamente contido nela? (BARDIN, 2010). Em outras palavras, a análise de conteúdo apresenta um conjunto de técnicas que são utilizadas de modo sistemático e objetivo para a análise das comunicações. No caso de um estudo na área da educação, a comunicação analisada é a fala das entrevistas realizadas pelo pesquisador, tornando, portanto, dupla a tarefa de análise, como afirma Bardin (2010), compreendendo o sentido da comunicação como se fosse um receptor normal, mas também e principalmente desviando o olhar para outra mensagem emaranhada na primeira, para outra significação.

De todo o conjunto de técnicas da análise de conteúdo, a técnica de análise categorial apresenta grande relevância, pois tem como principal objetivo fornecer, por sintetização, uma representação dos dados brutos (BARDIN, 2010). Ainda de acordo com Bardin (2010, p. 199), a análise categorial “[...] funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos”. Ou seja, a categorização classifica os elementos de um conjunto por diferenciação para, em seguida, reagrupar segundo as semelhanças. Já as categorias são classes que reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, fazendo com que os elementos se agrupem em razão de suas características comuns (BARDIN, 2010).

A seguir, apresentamos a Figura 6 contendo a sistematização do método desenvolvido neste artigo, em uma representação gráfica. A ilustração da representação gráfica tem por fim proporcionar uma visão global da metodologia apresentada e a sistematização do que foi exposto textualmente.

Figura 6 – Representação gráfica do método



Fonte: Mecheim (2015).

Para Severino (2007), o discurso científico é fundamentalmente raciocínio, um encadeamento de juízos realizado de acordo com certas leis lógicas que permeiam toda atividade do pensamento humano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto abordou um estudo sobre formas de utilização do materialismo em pesquisas voltadas à educação. A partir do materialismo histórico e dialético, percebemos que a sociedade se constitui de maneira contraditória e que, embora as transformações sociais façam parte do contexto dos processos educativos, a realidade dos sujeitos nem sempre se traduz nas pesquisas acadêmicas.

A formulação dos objetivos da pesquisa baseada no materialismo demonstra qual a concepção de sujeito que conduz a investigação. A metodologia e as análises feitas no decorrer da pesquisa também irão demonstrar a concepção utilizada. O referencial teórico passa a ser um importante percurso de buscas em bases que possam contribuir para a construção do “Eu empírico” ao “Eu epistêmico” (CHARLOT, 2006). Ressalta-se ainda que o sujeito deve ser visto como ativo e transformador do processo, situado em uma classe social, considerando as relações sociais e as contradições.

O papel do pesquisador é o de perceber o sujeito da pesquisa como um ser em processo de transformação. Cabe a ele – pesquisador – ir além da aparência e

adentrar a essência dos sujeitos, fazendo com que eles – sujeitos –, mobilizando-se para adquirir vários conhecimentos, consigam criticá-los e ressignificá-los.

O pesquisador que se aventura em desenvolver uma investigação apoiada no materialismo apropria-se dos mais variados instrumentos e técnicas – análise documental, análise de conteúdo, entrevistas, observação, dentre outros –, mas sempre considerando a realidade dos sujeitos pesquisados.

Desse modo, a essência da pesquisa está no processo como um todo, em saber olhar e ouvir os sujeitos. É uma relação dinâmica entre o sujeito e o mundo real, não o reduzindo a mero objeto da pesquisa. Podemos afirmar que é um trabalho complexo que se respalda em uma frequente interação com os fenômenos humanos.

Antônio Joaquim Severino compreende que a pesquisa não se dá separadamente do sujeito investigador, ela é uma construção histórica. Nas palavras de Severino (2007, p. 21),

[...] aprender é necessariamente uma forma de praticar o conhecimento, é apropriar-se de seus processos específicos. O fundamental no conhecimento não é a sua condição de produto, mas o seu processo. Com efeito, o saber é resultante de uma construção histórica, realizada por um sujeito coletivo. Daí a importância da pesquisa, entendida como processo de construção dos objetos do conhecimento e a relevância que a ciência assume em nossa sociedade.

As categorias do pensamento de Marx – totalidade, contradição e mediação – estão presentes no processo de pesquisa, estabelecendo assim sua perspectiva teórico-metodológica de reconhecimento da realidade.

A totalidade implica a “[...] concepção da realidade enquanto um todo em processo dinâmico de estruturação e de autocriação” (KUENZER, 1998, p. 65). Nesse sentido, os “[...] fatos podem ser racionalmente compreendidos a partir do lugar que ocupam na totalidade do próprio real e das relações que estabelecem com os outros fatos e com o todo” (KUENZER, 1998, p. 64).

A contradição ocorre quando se capta o movimento e as múltiplas complexidades do real de maneira dialética, buscando compreender os tempos e sentidos que incluem e excluem, desaparecem ou originam uma nova realidade (KUENZER, 1998). Isso quer dizer que “[...] o pensamento deverá mover-se durante o transcurso da investigação, entre os polos dialeticamente relacionados” (KUENZER, 1998, p. 65).

Vale enfatizar a importância da pesquisa como uma busca de informações pelas quais se tem curiosidade por algum motivo. Segundo o dicionário Aurélio virtual, século XXI<sup>6</sup>, a pesquisa é uma indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; uma investigação e/ou estudo, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos relativos a um campo qualquer do conhecimento. Ou seja, os conjuntos de procedimentos que constituem a pesquisa desejam produzir um novo conhecimento de forma que possibilite um novo olhar sobre o objeto – mudança de realidade.

<sup>6</sup> Retirado de <[http://www.muambeiros.net/cadastro-telexfree/#.UR\\_rqB1J790](http://www.muambeiros.net/cadastro-telexfree/#.UR_rqB1J790)>.

Por fim, compreendemos que a pesquisa em educação com enfoque materialista está demarcada pela subjetividade criativa, pela preocupação política, pela sensibilidade e pelo estilo pessoais (NOSELLA, 2004). Desse modo, a construção do pensamento inicia do empírico, passa pelo abstrato e chega ao concreto (SAVIANI, 1986). Conforme Marx (1983, p. 218), “[...] o concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações [...] um processo de síntese, um resultado, e não um ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida”.

O concreto é o que transforma os saberes em conhecimentos científicos, não é um ponto de partida, e sim um resultado que se configura dentro das pesquisas com base materialista como algo a alcançar e transformar a realidade dos sujeitos envolvidos.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Reto e Augusto Pinheiro. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2009.
- BRANDÃO, Zaia. A teoria como hipótese. In: *Universidade e educação*. São Paulo: Papirus, 1992. p. 11-20.
- CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n.31, p.7-18, jan./abr. 2006.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho, conhecimento, consciência e a educação do trabalhador: impasses teóricos e práticos. In: MINAYO GOMEZ, Carlos *et al.* *Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 13-26.
- GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- GATTI, Bernadete A. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas)*, São Paulo, n. 113, p. 65-81, 2001.
- HOBSBAWM, Eric J. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Tradução de Waldea Barcellos e Sandra Bedran. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- KUENZER, Acácia Zeneida. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 55-92.
- MARTINS, Suely Aparecida. As contribuições teórico-metodológicas de E. P. Thompson: experiência e cultura. *Em Tese*, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 23-36, ago. 2006.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MECHELN, Morgana Zardo von. *A compreensão de trabalho dos professores do PROEJA-FIC: contexto da parceria SME e Escola Canto da Ilha/CUT*, Florianópolis. 2015. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MEKSENAS, Paulo. *Aprendendo sociologia: a paixão de conhecer a vida*. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MONTAÑO, Carlos; DURIGUETTO, Maria Lúcia. *Estado, classe e movimento social*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Tradução de Waltesir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WARDE, Mirian Jorge. Pesquisa em educação: entre o estado e a ciência. *In: Universidade e educação*. São Paulo: Papirus, 1992. p. 21-26.